

## **VANESSA WATANABE RAPANUI**

POVO:

**RAPANUI**

FORMAÇÃO ESCOLAR:

**GRADUADA EM HISTÓRIA NA  
UNIVERSIDADE DO CHILE, COM  
MENÇÃO EM ANTROPOLOGIA E  
ARQUEOLOGIA E MESTRE EM  
PATRIMÔNIO CULTURAL PELA  
UNIVERSIDADE CATÓLICA DO CHILE**

## **CONTRAPONTO**

*Rapanui*

*Vanessa Watanabe<sup>1</sup>*

Meu nome é Vanessa Watanabe, mãe, historiadora, mestre em patrimônio cultural e comunicação audiovisual. E tenho me dedicado há alguns anos a estudar a cultura de Rapa Nui, lugar ao qual pertence minha família.

Durante o século XVII, com a chegada dos primeiros navios europeus, as operações escravagistas no começo dos anos de 1660 (Maude, 1981) levaram aproximadamente 800 pessoas (Edwards, 1918). Os missionários, as doenças, o estabelecimento de colonos e as modificações territoriais, somado à introdução de costumes e objetos exógenos ao seu sistema social, produziram transformações em todo o âmbito em Rapa Nui. Tudo isso desempenhou um importante papel na fragmentação da memória local, rompendo o vínculo ancestral dos Rapanui com o território, obrigando a população a realizar novas atividades e abandonar tradições antigas, modificando sua religião, ideias, costumes e idioma (Toro, 1982).

O povo Rapanui foi transferido de suas terras ancestrais para um território reduzido, conhecido como Hanga Roa (baía longa), no qual os usos cerimoniais de certas paisagens e objetos foram modificados. Somados a isso, deve-se considerar que a transmissão oral de saberes e a criação de objetos rituais diminuiu, em ampla medida, devido à obrigação de falar em outra língua e às trocas com diversos sujeitos, provocando a letargia da produção, da troca e a paulatina negligência de suas funções originais.

<sup>1</sup> Tradução por Aline Moreira Magalhães (PCI/MAST)

No que diz respeito à conceptualização do patrimônio cultural, hoje em dia é possível entendê-lo como um processo cultural flexível, construído pela comunidade. Assim, o patrimônio tem um caráter de testemunho e contribui para vincular as diferentes gerações e a preservar sua memória, nesse caso, afetada profundamente pelo colonialismo. Portanto, essa ideia de construção comunitária poderia estimular a revalorização da cultura, usando suas próprias práticas para valorizá-la, recuperando seu passado e identidade, para “parar o tempo e bloquear o trabalho do esquecimento” (Nora, 2008:34).

Francois Choay (2007), historiadora francesa, critica a visão eurocêntrica do patrimônio, por conceituá-lo segundo seu valor museológico e comemorativo para o Estado, e não como suporte de memória para a comunidade, que busca construir seus lugares de memória (Nora, 2008). Por isso, atualmente é preciso ver a comunidade como construtora de patrimônio, buscando sua própria identidade e memória (Dormaels, 2012). A partir de uma perspectiva atual, Mathieu Dormaels, especialista em patrimônio, o concebe em um contexto em que a globalização tem gerado uma revalorização do local como base da identidade e do empoderamento, onde se reconhecem e se valorizam os suportes que representam sua história e identidade.

Dormaels (2012) problematiza a relação entre comunidade, identidade e patrimônio como construção social, devido à legitimação que adquire a comunidade por meio do processo de patrimonialização, reconhecendo suas práticas culturais, idiomas e tradições que reconstroem sua memória coletiva. O patrimônio cultural Rapanui se encontra, portanto, em um presente ainda de permanente conflito, diante do discurso estatal que desconsidera a agên-

cia Rapanui. Mas, a permanente relação com o passado de sua comunidade permite a rememoração e a continuidade de certas expressões, que apesar da intervenção que ocorre desde o século XVIII, seguem manifestando o interesse pela manutenção de uma identidade Rapanui própria.

Em Rapa Nui, como princípios básicos de sua concepção patrimonial, se encontram o mana (energia vital) e tapu (proibições), pois o patrimônio em Rapa Nui contém e projeta o mana dos tupuna (ancestrais), e por conseguinte os tapu, que são cláusulas culturais que os protegem (Métraux, 1937). Ambos proporcionam modelos de conduta humana e a permanência de algumas delas estabelecidas desde épocas antigas, expressas oralmente. Isso faz com que sigam vigentes para o narrador, porque se localiza em seu mundo presente, em lugares reais, sendo o elemento audível e/ou tangível que respalda outros relatos.

No presente, dentro da comunidade, foram geradas ações que buscam preservar e recriar a identidade Rapanui. Dentre as manifestações patrimoniais atuais, estão as tradições orais, música, dança, também considerando as relações sociais e outros saberes, que atualizam seus saberes antigos. Um problema nesse processo é a progressiva perda e/ou hibridização da língua Rapanui, a portadora principal de sua cosmovisão. Ainda assim a comunidade se mantém em constante evolução, reivindicando seu status como “cultura viva”, como uma forma de empoderamento, reconhecimento e legitimação, empregada, nesse sentido, como ferramenta de desenvolvimento.